

Fenômeno Julie sob a perspectiva de simulação de Jean Baudrillard¹

Patrícia Ruas DIAS²

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Rio Grande do Sul, RS

RESUMO

O objeto deste estudo é a menina Julie Nomura e o fenômeno provocado com o uso da Internet para disseminação de seus vídeos retratando seu cotidiano. O objetivo foi compreender, sob a perspectiva de simulação, do sociólogo e filósofo Jean Baudrillard as dimensões do que é real ou irreal no seu dia a dia transmitido, além de como as tecnologias empregadas neste processo mascaram a verdadeira Julie. A metodologia utilizada envolveu observação de dois vídeos específicos e análise das visões do autor. Foi possível perceber que a garota ganhou um grande público e transformou a brincadeira em um projeto, com consequências.

PALAVRAS-CHAVE: Julie Nomura; Jean Baudrillard; simulação; ilusão; real

As considerações deste texto objetivam compreender, através das ideias de simulação e realidade, do sociólogo e filósofo francês Jean Baudrillard, o fenômeno de crianças que se apropriam da Internet para disponibilizarem ao público vídeos de si mesmas, mostrando os seus acontecimentos diários. Como objeto de pesquisa foi selecionada Julie Nomura, menina de sete anos de idade, que possui um canal na plataforma Youtube com mais de 34 mil inscritos, em especial serão analisados dois vídeos, o primeiro postado em março de 2012, intitulado “Como se maquiar para festas por Julie” e “Tag: 5 coisas estranhas sobre mim - Julie Nomura” publicado em agosto de 2015.

A jornalista Renata Nomura, mãe de Julie, mantém um blog na Internet sobre moda, e como exercício do seu trabalho tentou gravar um vídeo próprio se maquiando, porém sua filha, na época com quatro anos, ficou brincando em frente à câmera, surgindo, assim, a ideia de gravar a menina fazendo a própria maquiagem (ALVES, 2015).

Neste, Julie utiliza os produtos de sua mãe como brincadeira, fazendo uma verdadeira aquarela em seu rosto, além de usar expressões como “suas amigas vão morrer de inveja” e “eu não preciso de pó porque minha pele é maravilhosa”. Editado e postado no

¹ Trabalho apresentado no DT 5 – Comunicação Multimídia do XVII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul realizado de 26 a 28 de maio de 2016.

² Mestranda em Comunicação Social pela PUCRS. E-mail: patriciaruasdias@gmail.com

Youtube com o título “Como se maquiar para festas por Julie” (Figura 1), em menos de dez horas o vídeo recebeu mais de três milhões de acessos.

Figura 1: Como se maquiar para festas por Julie



Fonte: YouTube (2012).

Em decorrência do sucesso aparentemente inesperado, a menina recebeu convites de grandes marcas para ser garota propaganda em comerciais, assim como fez para a empresa de sabão de pó OMO. O canal fundado nesta ocasião continua ativo e são postados vídeos com diversos teores, como brinquedos que Julie ganha, viagens, brincadeiras com suas bonecas. Em agosto de 2015, um pouco mais crescida, a menina, com ajuda de sua mãe postou o vídeo “Tag: 5 coisas estranhas sobre mim - Julie Nomura” (Figura 2), em que descreve cinco curiosidades a seu respeito, como medo de atravessar a rua, limpar unhas de outras pessoas e sua dificuldade de comunicação no seu dia dia, provavelmente por timidez. Julie definiu da seguinte maneira “todo mundo acha que eu falo muito, porque eu falo muito nos vídeos, mas eu sou muda”.

Figura 2: Tag: 5 coisas estranhas sobre mim - Julie Nomura



Fonte: YouTube (2015).

As brincadeiras de criança, como comprar acessórios para suas bonecas, utilizar roupas e maquiagens de suas mães faz parte do envolvimento no mundo feminino, as meninas observam as matriarcas e querem imitá-las, a preocupação está no contexto que esta brincadeira é realizada (POLI, 2015). A brincadeira de Julie é se maquiarem ou gravar o vídeo e ser conhecida na Internet? O questionamento a respeito de o que parece existir, traz a tona que de fato não há nada, não há real (BAUDRILLARD, 1996).

A ilusão eterna de um objeto não captável e o ponto reconfortante para o intelecto, do sujeito que acredita captá-lo, porém é inimaginável em qualquer outro universo. Vive-se na desilusão, tirando a ilusão do mundo para torná-la real. Não se pode distinguir o verdadeiro do falso, o real do irreal, esses conceitos são frágeis perante o simulacro, tornando-os indistintos. De acordo com Baudrillard (1996, p. 27): “assim se realizou a profecia: vivemos num mundo em que a função mais elevada do signo é a de fazer desaparecer a realidade e mascarar ao mesmo tempo essa desaparecimento”. Como hipótese, a ilusão de Julie de ser modelo a ser seguido se tornou real, sendo difícil distinguir o real e do irreal.

Para Baudrillard (1996), a técnica acabou com a ilusão, a ironia, como forma de desilusão, passou para as coisas, um estratagema em que o mundo se esconde atrás da ilusão da técnica. A ironia é a única forma espiritual depositária do segredo que o sujeito já não tem mais o privilégio, porque ela não é mais função dele, mas uma função objetiva, do mundo artificial, onde se reflete a ausência e transparência do sujeito. A função crítica do sujeito deu lugar à função irônica do objeto (BAUDRILLARD, 1996). A partir do instante que é passada pela tela ou pela imagem, o objeto passa a ter uma função artificial e irônica pelo simples fato de existir. “A aura do nosso mundo já não é sagrada. Já não é horizonte sagrado das aparências, é o da mercadoria absoluta. A sua essência é publicitária. No centro do nosso universo de signos há um Génio Maligno publicitário, um *trickster*, que integrou o cômico da mercadoria e da sua encarnação” (Ibidem, p. 103, grifo do autor).

O momento lúdico de Julie traz realmente o desenvolvimento da menina e de sua feminilidade ou o a conexão com outras pessoas? Não se pode afirmar que o que a menina faz ou o que é real, porque não existe esta resposta. Desta forma o vazio, o que não é real, apenas uma aparência do que poderia ser um entretenimento infantil é uma ilusão. Baudrillard (1996, p. 26) afirma:

Ora, a imagem já não pode imaginar o real, visto que o é. Já não pode sonhá-lo, visto que é ela a sua realidade virtual. É como se as coisas tivessem devorado o seu espelho e se tivessem tornado transparentes a si próprias, inteiramente presentes a si próprias, em plena luz, em tempo real, numa transcrição implacável. Em vez de se ausentarem de si próprias na ilusão, são forçadas a inscreverem-se nos milhares de ecrãs de cujo horizonte desapareceu não só o real mas a imagem. A realidade foi expulsa da realidade (BAUDRILLARD, 1996, p. 26).

De encontro ao que o autor afirma está a colocação de Julie, que não é a menina falante que aparece nos vídeos, mas sim muito quieta, difícil de ouvir sua voz. Os vídeos têm como intuito mostrar quem é a garota e o que ela faz, porém esta colocação dela traz alguns questionamentos, como se apresenta a mesma personalidade em frente à câmera e fora dela? Os vídeos não são reais? Ela não é real? São apenas um trabalho, obrigação e atividade que ela executa? Para encontrar as respostas para essas perguntas é necessário um estudo específico junto à própria Julie.

A garota interpreta uma Julie ideal; afinal não teria efeito um vídeo em que a pessoa não fala, é tímida. Justamente o que a fez tornar famosa foi a desenvoltura; as brincadeiras são simulações das próprias brincadeiras e a menina é uma simulação da própria menina. A partir do momento que o real passa a não ser o que era, a nostalgia aparece, supervalorizando os mitos de origem, signos de realidade, autenticidade. A “escalada do verdadeiro, do vivido, ressurreição do figurativo onde o objecto e a substância desaparecem” (BAUDRILLARD, 1991, p. 14). Ocorre uma produção de real e de referencial paralelo à produção material, surgindo a simulação.

Baudrillard (1996) define que o mundo não existe senão pela ilusão do jogo das aparências, ele aparece e desaparece todo o tempo, equivalência do mundo ao mundo com a ilusão final da perfeição, acabado, perpetrado, consumido. A revelação da menina é chocante por desvendar que tudo o que ela fez nos 4 anos desde a primeira gravação não passou de uma invenção, iludindo além dela mesma que passa um ideário, quanto para seus seguidores, que justamente a assistem por acreditar que Julie é daquela forma. Tudo não passa de uma ilusão da realidade, ela não é quem demonstra ser, os fãs seguem uma pessoa que não existe e todos ficam satisfeitos por fechar esse círculo de irrealidade. Para Baudrillard (1996), analisando sob a perspectiva da maquinaria utilizada para que sejam feitas as gravações, editadas e posteriormente disponibilizadas na Internet, o grande enigma é o de um objeto ofertar a transparência total, e não deixar que o natural aconteça pelo

discurso crítico e estético. Assim, um objeto superficial e artificial que preserva essa artificialidade ao se livrar da significação natural para ganhar intensidade, vazia de sentido, o que é o fetiche.

Renata, viu através da Internet e do computador a sua oportunidade de crescimento profissional, sendo jornalista do seu próprio *site* de moda, o que de certa forma inseriu sua filha neste mesmo mundo. A oportunidade, através de mais do que uma foto estática, mas gravações que proporcionam capturar detalhes em sequência, levou Julie desde muito nova, sem sequer saber pronunciar as palavras de forma correta, a estrelar nele. A chance dela exibir quem ela é, foi, de certa forma, tão fascinante que não permitiu a menina ser quem é, ou era, afinal, hoje nem a própria menina sabe quem é, se extrovertida ou tímida. Ao Julie revelar que é “muda” tira o véu de si mesma e a expõe, afirmando que a crítica dela mesma, sua mãe ou fãs, a faz transformar sua personalidade diante da câmera.

A intensidade, por ser uma criança ativa, persiste na sua brincadeira, com frases engraçadas e afirmações duvidosas a respeito das suas maquiagens a fez ser celebridade, porém esse é o vazio, esse é o fetiche dela e de quem a assiste, afinal, ela não existe. Baudrillard (1996) chama esse processo sob a ótica do equipamento de objeto-fetiche, por através transformar o que era insignificante em valor absoluto, algo sem qualidade em algo admirado e desejado. Renata se utiliza da máquina para transformar sua filha em celebridade, realmente a metamorfose de Julie é sua mãe, gravando e editando para iludir a todos, perdendo a potência natural da criança para a tornar um vazio sob as luzes artificiais. A banalidade do que é transmitido, o cotidiano da menina, é justamente o critério de sucesso estético, e isso a aniquilou para se tornar um ideal.

Os modelos de simulações tentam coincidir com o real, porém a diferença soberana entre eles, o encanto, desapareceu. O real é produzido através de matrizes, memórias, assim podendo ser reproduzido de forma infinita, sem a pretensão de ser racional já que não pode ser comparado com o ideal, sendo apenas operacional. “Na verdade, já não é o real, pois já não está envolto em nenhum imaginário. É um hiper-real, produto de síntese irradiando modelos combinatórios num hiperespaço sem atmosfera” (BAUDRILLARD, 1991, p. 8).

Julie faz refletir a respeito de quem ela realmente é e o que ela finge ser com intuito de agradar o público. No vídeo em que está fazendo uma maquiagem para festa ela comenta que faz sucesso entre suas amigas quando vai ao colégio com aquela combinação de cores, apesar de logo em seguida afirmar que sua mãe não a deixa usar certos produtos. Ela realmente utiliza no seu dia dia aquelas maquiagens que estão na gravação ou apenas está

simulando o que seria um ideal entre ela e suas amigas? No final deste mesmo vídeo a menina termina dizendo que o próximo seria uma discussão a respeito da problemática do *bullying*, com quatro anos ela tinha conhecimento do que esta palavra significa, ela sofria *bullying* ou apenas porque era um tema que estava pautado pela mídia em 2012?

A comunicação não é mais o falar, mas o fazer-falar, não é o crer, e sim o fazer-crer, uma operação, não uma ação. Não se trata mais de espontaneidade, mas uma indução por uma espécie de maquinaria (BAUDRILLARD, 1990). O querer também está mediado por vontades, a ação em si não tem tanta importância quanto o fato dela ser produzida, mediatizada.

Jogging e computação podem ser chamados entorpecentes, narcóticos, uma vez que a própria droga está na linha direta da *performance* geral: fazer-gozar, fazer-sonhar, fazer-sentir. Não é artificial no sentido de um estado segundo, oposto a um estado natural do corpo, mas pela substituição de uma prótese química, de uma cirurgia mental da *performance*, de uma cirurgia plástica da percepção. (BAUDRILLARD, 1990, p. 55, grifo do autor)

O real não terá mais a oportunidade de se reproduzir, ele morre. Já, o hiper-real, abrigado no imaginário, recorre aos modelos e gerações simuladas. “Simular é do que fingir ter o que não se tem”, deixando a realidade intacta, apenas disfarçando, colocando em causa a diferença entre verdadeiro e falso, real e imaginário (BAUDRILLARD, 1991). A simulação, ao contrário da utopia, princípio da equivalência, nega de forma radical o signo como valor, parte dele como revisão e destruição de toda a referência.

Para que Julie desapareça, é preciso que algo tome o seu lugar, sendo a única forma de ela mesma existir, aquilo que advém da desapareição é o verdadeiro outro (BAUDRILLARD, 1996). Os seres e os objetos ao desaparecerem se transformam neles mesmos, enganando e iludindo. Nesse sentido, são fiéis a si mesmos e os demais também devem ser, porque a ilusão não se opõe à realidade, ela é uma realidade mais sutil que envolve a primeira como sinal de sua desapareição. O que tomou o lugar da menina foi o personagem criado dela, por ela, com ajuda da maquinaria.

A ausência do mundo presente em cada detalhe, reforçada por cada detalhe - tal como a ausência do sujeito reforçada por cada traço do rosto. Essa iluminação do detalhe, pode-se obtê-la igualmente por uma ginástica mental, ou por uma subtileza

dos sentidos. Mas aqui a técnica executa-a sem luta. Talvez seja uma armadilha. (BAUDRILLARD, 1996, p. 118)

Baudrillard (1990) afirma que está sendo vivido um estágio factual ou viral, ou ainda estágio irradiado do valor que não há mais referência. O valor é irradiado, sem motivo e sem destino, sem lei de valor. Para o autor nem se poderia mais chamar de valor, tendo em vista que cada partícula se movimenta, tem um fragmento de valor, um instante de firmamento de simulação e desaparece no vácuo. O capitalismo tenta persuadir afirmando a boa finalidade dos meios de comunicação, que funciona como um ambiente artificial, uma segunda natureza que seleciona reflexos de acordo com uma espécie de código genético mental. Os deleites do pensamento são apagados por aqueles que agem instintivamente à esta ilusão do mundo contra o próprio mundo, a inteligência como maquiagem. “Nós tendemos: um estado de inteligência operacional pura, portanto de desilusão radical do pensamento” (BAUDRILLARD, 1996, p. 41).

O valor ao mesmo tempo que está em tudo, tanto na maquiagem, quanto na câmera de Julie, está em lugar algum. Ele perde o sentido a partir do momento que não se tem consciência de qual é a brincadeira da menina e qual o seu benefício para sua formação. Este momento é registrado na infância de todas as crianças, porém com as mudanças de gerações acontecem transformações que podem ser fatais. A transição de fases, em sua essência é diluída, até o momento de desaparecer e não deixar vestígio (BAUDRILLARD, 1990). Os valores estão se perdendo com o desejo apenas do resultado, no caso, ser reconhecida pelos seus vídeos, na memória, pode ser que ainda se encontre o valor, porém desencantado.

Essa sociedade já não produz apenas acontecimentos incertos, cuja elucidação é improvável. Outrora um acontecimento era feito para produzir-se; hoje é feito para ser produzido. Logo, ele se produz sempre como artefato virtual, como um travesti das formas midiáticas. (BAUDRILLARD, 1990, p 48).

De acordo com o autor as pessoas são insignificantes diante do mundo, e não podem fazer nada para mudar porque fazem parte dele. Não é possível adicionar significação porque ele não a tem. Os seres humanos são fantoches do mundo, que devem se contentar com a existência como prêmio de consolação, com a vontade pela ilusão de serem autônomos. A realidade virtual é uma modificação na essência do mundo real, que não pode

ser contida, nem transformada pelas pessoas. Tendo em vista que nada se pode fazer, há o medo de nada desejar, e por isso deseja-se nada, em suma, uma vontade sem objeto.

Porém, de forma otimista a ilusão é indestrutível, com o aparelho de produção do mundo “real”, na verdade isso é uma ilusão redobrada, ainda maior. Ilusão secundária de transformação do mundo. De acordo com Ecclesiastes (apud BAUDRILLARD, 1996, p. 44), o simulacro não mascara a verdade, é a verdade que mascara o que não existe, o simulacro é verdadeiro. A quantidade de câmeras que vigiam tudo e todos, inclusive dentro do sujeito, bloqueia a vida “real”, assim como um vírus faz com uma célula.

O fato de Julie ter feito sucesso se maquiando, na verdade sujando o su rosto fez com que a marca OMO se interessasse por este estereótipo e a convidou para estrelar uma campanha, com o seguinte *release*: Para OMO, o ato de se sujar faz parte do aprendizado das crianças, que precisam de experiências que envolvam aventura, descobertas e criatividade para o seu desenvolvimento (ADMINISTRADORES, 2013). A aventura da menina, no primeiro vídeo pode ter sido uma brincadeira com as maquiagens, porém com o desdobramento pode-se notar que a verdadeira descoberta e aventura para ela é ser filmada.

Mais uma vez a simulação é vista na campanha da marca, o vídeo intitulado “OMO Tutorias da Julie” (Figura 3) mostra a menina fazendo um tutorial de como dançar ballet. Posteriormente ela chama sua mãe dizendo que está com as sapatilhas sujas, na realidade são as meias, então Renata ensina como tirar as manchas de sujeira da roupa. Além da simulação da garota, sua mãe também participa como se também utilizasse no seu dia dia o produto da maneira representada.

Figura 3: OMO Tutorias da Julie



Fonte: Administradores (2013).

De acordo com Baudrillard (1990), de fato, nada mais se reflete, são apenas desdobramentos infinitos da consciência. A dispersão viral das redes sociais não é a do valor ou equivalência, mas uma compulsão, excentricidade dos sistemas, que acaba com os próprios limites, ultrapassa a própria lógica, se arriscando a perder a si mesmo. Já não são produzidos acontecimentos incertos, improváveis, mas ele se produz como artefato virtual, com formas midiáticas. Assim, é impossível afirmar que essas técnicas são parte do mundo real, talvez apenas confrontar com o mundo irreal. “A revolução contemporânea é a da incerteza” (BAUDRILLARD, 1990, p. 49). Essa incerteza vem de um excesso de positividade, dissolução da negatividade.

Em torno dos 76 vídeos, Julie tem como princípio mostrar o seu dia dia, registrando o que deveriam ser todos os seus momentos, porém há uma carga de positividade excessiva neles, inclusive quando conta ser tímida. Não é tocado, em nenhum momento, em assuntos que não a deixem feliz, realizada plenamente. Os seus dias são perfeitamente felizes como transmite nas gravações? Certamente não. Ela mostra uma realidade que não é real, não é o verdadeiro cotidiano dela.

Os vídeos de Julie é perfeito, ela é uma menina perfeita, com brincadeiras perfeitas, em um mundo perfeito, em que a realidade não pode emergir. Para se instaurar uma imperfeição, onde emerge o real é preciso que se quebre essa simetria. A imperfeição é inumana, assim como os sujeitos são herdeiros dessa perfeição enigmática. O que deu origem, o estado inicial foi apagado, com a técnica o que era ilusão perfeita tomou o nome de realidade (BAUDRILLARD, 1996). Como não se pode multiplicar o negativo, apenas o positivo, é preciso ser ainda mais positivo que ele mesmo para poder lidar com a positividade total e simultaneamente da ilusão dessa pura positividade. A grande lição de todo esse positivismo é ele ser dotado de vazio, de ausência.

De acordo com Baudrillard (1996, p. 123), “para devolver o mundo à sua ilusão sem perdão, à sua indeterminação sem apelo, uma só solução: a desinformação, a desprogramação, o boicote à perfeição”. As belezas do mundo só são belas por serem incompatíveis umas às outras, seduzem, a cumplicidade das alteridades. Quando submetidos à uma programação, ocorre a anulação da originalidade, com os computadores e Internet perde-se as singularidades e a ilusão mágica das alteridade se acaba. Pode-se notar nos vídeos de Julie isso, ela perdeu seu brilho ao fazer o que muitas meninas de sua idade estão fazendo, gravando vídeos e construindo canais na Internet com as chamadas *Tags*, uma espécie de pauta dos vídeos.

Ao pesquisar na plataforma Youtube a palavra “*Tag*” aparecem inúmeros videos de crianças de diversos lugares do mundo realizando a mesma brincadeira, como forma de uma linguagem cibernética entre eles. Baudrillard (1996) chama de vírus endógenos de decomposição, ele se disseminou voltado para o desejo de colecionar números de visualizações, sujeito a infinitas repetições, tendo em vista que infinitas crianças fazem as gravações com os mesmos teores. A maquinaria, em especial o computador, ao mesmo tempo que se abre para receber essas gravações, acaba com o brilho delas mesmas justamente por receber várias, a singularidade, o brilho que chame a atenção para um em especial não existe mais.

Os sujeitos estão sendo vítimas de um vírus destruidor da alteridade, com intuito de extinção do outro, sem que nenhuma ciência possa proteger dele. Apesar de não atingir de forma biológica, ele atinge a reprodução simbólica do outro, a favor da clonagem, sem sexo, do sujeito sem espécie (BAUDRILLARD, 1996). O ser sem objeto ou sem o outro, marca tudo que perdeu a sombra e se tornou transparente pra si mesmo, desvitalizado. Julie se tornou famosa por criar um vídeo diferenciado, em que era muito pequena e pintava todo o seu rosto com maquiagens da mãe, fazendo na verdade uma grande sujeira, porém expressando verbalmente e corporalmente que estava se sentindo linda. A partir do momento que esse ponto específico obteve retorno, deu-se continuidade ao ocorrido, perdendo a essência, perdendo a sombra, perdendo ela mesma. O autor citado (Ibidem, p. 150) afirma que “tarnámo-nos senhores, pelo menos virtuais, deste mundo, mas o objecto desta dominação, a finalidade desta dominação, desapareceram”.

Baudrillard (1996) afirma que a dialética da nulidade é certa, é porque corresponde à regra simbólica. Nada se permuta em equivalência positiva, apenas a ausência e o negativo, é necessário que a negatividade seja devolvida para que os seres se liguem por reciprocidade. “O real (se é que se pode dizer) já não responde senão a uma espécie de ironia objectiva e de descrição patafísica” (Ibidem, p. 99). A patafísica é a ciência imaginaria do mundo, do excesso, efeitos excessivos, particularmente do excesso de vazio e insignificância.

Indivíduos, objetos e situações, hoje são cópias virtuais, todos são convidados a apresentarem suas vidas nas telas. As cópias virtuais também exercem seus papéis, não mais de chamar atenção para serem vistas, mas para que façam parte de suas vidas, das realidades virtuais, podendo acompanhar em tempo real e até interagir com os personagens.

Os pensamentos e desejos mais íntimos se tornam imagens através dos computadores, deixando de serem íntimos e tornando-se coletivos.

Os corpos não se projetam mais, as projeções é que projetam os corpos, sendo a projeção de uma projeção. Essa é a realidade virtual, que torna a vida uma circulação entre telas e pessoas, abstraída em números. Em seu canal, Julie tem inúmeros vídeos postados desde 2012 até 2015, cada um com números bastante elevados de visualizações, inclusive na descrição do canal está um agradecimento aos seguidores e uma celebração quando alcançados os 20 mil. A menina só se tornou famosa pela quantidade de pessoas que olharam as suas brincadeiras como de qualquer outra criança, o que a fez celebridade foram números. O valor da mensagem é o da circulação, de tela em tela, de imagem em imagem, com intuito de desfrutar o espetáculo.

Renata Nomura afirmou: “No dia seguinte (a postagem do primeiro vídeo) eu achei legal e falei ‘nossa, todo mundo está vendo’. Quando chegou em 1 milhão, 2 milhões, eu não achei tão engraçado. Fiquei preocupada porque ela é criança. Gerou certa polêmica por ser criança usando maquiagem, mas é só de brincadeira, foi só para me imitar mesmo” (G1, 2012). A declaração da mãe de Julie, no início de sua fama parece preocupada com o espetáculo proposto por sua filha, porém, hoje, como visto no vídeos em que ela relata suas curiosidades, este é o objetivo da pequena, incentivado pela mãe.

Os sujeitos não estão alienados em meio a uma realidade de conflitos, mas expulsos de uma realidade definitiva e não contraditória, abre-se mão dos próprios desejos pela realização deles. Os sujeitos abrem mão de si próprios à medida que integram as próteses técnicas (BAUDRILLARD, 1996). Julie brinca, viaja, faz compras acompanhada de câmeras? A realidade dela é ser vigiada durante seus momentos? Não faz nada de diferenciado de outras garotas da sua idade, que brincam de maquiagem em frente ao espelho, em vez de ser em frente às câmeras. “Assim, o desenvolvimento tecnológico significaria que o homem deixou de acreditar na sua existência própria e se decidiu por uma existência virtual, um destino por procuração” (BAUDRILLARD, 1996, p. 65).

A sede da pós-modernidade em ter todas as informações e saber tudo o que acontece no mundo, o grande fluxo, não possibilita o silêncio da garota. Ela possui em seu canal no Youtube vídeos, além de seu site, perfis em plataformas sociais, a partir do momento que ela não realizar mais as gravações, será esquecida pelos seus seguidores. Obrigando, desta forma, como afirma Baudrillard (1990) a estetizar o cotidiano em proveito da circulação da pura imagem.

O fato de Julie ser assediada por grandes marcas para se tornar estrela de seus comerciais, afirmado pela mãe que estão sendo negociados por se tratarem de propostas de valores muito baixos e outras muito altos (ALVES, 2015), explicita o lado comercial do que era uma brincadeira infantil, indo ao encontro da perda do real valor do momento. “O capital (se é que ainda se pode chamá-lo assim) não leva em consideração a economia política nem a lei do valor: é nesse sentido que ele consegue escapar a seu próprio fim. Funciona doravante além de suas próprias finalidades e de maneira totalmente irreferencial” (BAUDRILLARD, 1990, p. 17).

Em suma, o que era (ou é) uma brincadeira de criança ao se maquiar com os produtos da mãe acabou de tornando um projeto de dimensões avantajadas, sendo um projeto de vida da menina continuar com as postagens. O que é colocado em xeque são os reais intuitos do que acontece, se é um momento lúdico de Julie com suas bonecas e afins ou as gravações. A partir do momento que a brincadeira atravessa os limites da internet e de certa forma ela passa a interagir com outras pessoas, é adicionada uma carga que é cobrada da menina, e esse fato pode ter consequências drásticas, como o desaparecimento dela por ela mesma.

REFERÊNCIAS

ALVES, Xandu. **Vídeo com 3 milhões de acessos na internet faz menina famosa**. Disponível em: <<http://www.ovale.com.br/nossa-regi-o/video-com-3-milh-es-de-acessos-na-internet-faz-menina-famosa-1.234573>>. Data de acesso: 21 nov. 2015.

BAUDRILLARD, Jean. **A transparência do mal: Ensaio sobre os fenômenos externos**. Campinas: Papirus, 1990.

_____. **O Crime Perfeito**. Lisboa: Relógio D'Água, 1996.

_____. **Simulacros e Simulação**. Lisboa: Relógio D'Água, 1991.

FALCÃO, Juliana. **Blogueiras mirins ensinam makes como gente grande**. <<http://www.vilamulher.com.br/familia/filhos/blogueiras-mirins-ensinam-makes-como-gente-grande-11831.html>>. Data de acesso: 23 nov. 2015.

Menina de 4 anos vira hit na internet com vídeo de maquiagem. G1 São Paulo. 21 mar. 2012. <<http://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/2012/03/menina-de-4-anos-vira-hit-na-internet-com-video-de-maquiagem.html>>. Data de acesso: 23 nov. 2015.

OMO Tutoriais da Julie. 12 mai. 2015. <<https://www.youtube.com/watch?v=P1gbnV6dvgI>>. Data de acesso 23 nov. 2015.

NOMURA, Julie. **Como se maquiar para festas por Julie**. 12 mar. 2012. <<https://www.youtube.com/watch?v=4nh1RaIVLcg>>. Data de acesso: 23 nov. 2015.

NOMURA, Julie. **Tag: 5 coisas estranhas sobre mim - Julie Nomura.** 27 ago. 2015. <<https://www.youtube.com/watch?v=KPYyhXT457g>>. Data de acesso: 23 nov. 2015.

Omo lança campanha com Julie, menina que faz sucesso no YouTube com tutoriais de beleza. Administradores. 4 mar. 2013. <<http://www.administradores.com.br/noticias/marketing/omo-lanca-campanha-com-julie-menina-que-faz-sucesso-no-youtube-com-tutoriais-de-beleza/73768/>>. Data de acesso: 23 nov. 2015.

POLI, Cris. **S.O.S. dos pais: 500 dicas para educar sem enlouquecer.** São Paulo: Mundo Cristão, 2015.